

# Tessa Dare

Vencedora do Prémio RITA para Melhor Romance Histórico

A autora  
romântica  
bestseller  
que conquistou  
as leitoras  
portuguesas

«Uma história repleta de sensualidade,  
com personagens habilmente construídas  
e diálogos espirituosos.»

*LIBRARY JOURNAL*

## Prometo NÃO TE Seduzir

TOP  
SEL  
LER

Para os meus filhos, os *Darelings*, pois, ao que parece, tenho uma certa tendência, nesta série, para dedicar os livros a pessoas que espero que nunca os venham a ler. A minha filha serviu de brilhante consultora para as personagens de Rosamund e Daisy, e o meu sempre inteligente filho ensinou-me que as crianças aprendem melhor com métodos pouco convencionais.

*Darelings*, adoro-vos. Prometo que, de todos os meus livros, esta é a única página que alguma vez vos obrigarei a ler.

(Bónus: Acabo de vos envergonhar diante de milhares de desconhecidos. Missão cumprida!)

## Prólogo



**A**lexandra Mountbatten era uma mulher de bom senso. Era o que os seus amigos pensavam. Na verdade, porém, Alex não tinha bom senso nenhum — pelo menos no que se referia a cavalheiros encantadores de travessos olhos verdes. Se possuísse uma réstia de racionalidade, não teria feito uma figura tão ridícula com o Libertino da Livraria.

Agora, mais de meio ano depois, conseguia ainda reviver a cena embaraçosa, e via-a desenrolar-se como se estivesse a assistir a uma peça de teatro.

Cenário: a livraria Hatchard's.

Data: uma tarde de quarta-feira, em novembro.

Personagens: Alexandra, claro. As suas três amigas mais íntimas — Nicola Teague, Lady Penelope Champion e Emma Pembroke, duquesa de Ashbury. E, pela primeira vez num papel principal (*rufar de tambores, por favor*) — O Libertino da Livraria.

A cena prosseguiu assim:

Alexandra equilibrava um monte de livros de Nicola num braço, enquanto lia o seu próprio livro, que segurava na mão livre. Um exemplar do *Catálogo de Nebulosas e Aglomerados Estelares*, que retirara, como se de uma pérola se tratasse, da secção de livros usados. Há muito tempo que procurava um exemplar em

segunda mão daquela obra, pois não tinha possibilidade de o comprar novo.

Num momento, estava interessadíssima a folhear as descrições das nebulosas astronómicas, e, logo a seguir...

Bang! Uma colisão de proporções cósmicas.

A causa não foi evidente. Talvez ela tivesse recuado um passo, ou ele se tivesse voltado sem olhar. Pouco interessava. O cotovelo de um empurrara o braço do outro, e as leis da física exigiram uma reação igual e oposta. A partir dali, o resto fora obra da gravidade. Os livros que seguravam caíram no chão, e, quando ela ergueu os olhos... ali estava ele.

Cabelo castanho desalinhado, traje elegante, água-de-colónia que cheirava a pecado — e um sorriso, que, certamente, aperfeiçoara desde a juventude, como meio de fazer com que as mulheres lhe perdoassem tudo.

Com um encanto afável, ele apanhou os livros; ela nem o ajudou.

Perguntou-lhe o nome; ela gaguejou.

Pedi-lhe que lhe recomendasse um livro — um presente, disse, para duas meninas; a reação dela foi gaguejar ainda mais.

Aproximou-se o suficiente para que ela sentisse o aroma selvagem e natural de uma água-de-colónia extremamente masculina; ela quase desfaleceu na secção dos livros antigos.

Então, ele olhou-a, com os seus calorosos olhos verdes; fitou-a, verdadeiramente, como as pessoas raramente fazem, pois isso significa dar permissão ao outro para as olhar do mesmo modo. Reações iguais e opostas.

Fê-la sentir-se a única mulher na livraria. Talvez a única mulher no mundo. Ou no universo.

O momento pareceu durar para sempre, e, contudo, terminou demasiado depressa.

Ele executou uma reverência elegantíssima, despediu-se e partiu com o *Catálogo de Nebulosas e Aglomerados Estelares* de Messier,

deixando na mão de Alexandra um insípido livro de histórias para «meninas obedientes».

Fim de cena.

Ou pelo menos deveria ter sido.

Alex resolveu apagar o encontro da sua ardósia mental, mas Penny — a romântica incurável — não lho permitiu. Como ele não lhe dissera o nome, Penny atribuía-lhe títulos cada vez mais ridículos. Primeiro era simplesmente o Libertino da Livraria, mas, à medida que as semanas passavam, ia subindo rapidamente nos círculos da aristocracia: Sir Leitura, Lorde Literatura, duque da Hatchard's.

«Para com isso», dizia-lhe Alex repetidamente. «Já passou muito tempo, e nunca mais pensei nele. De certeza que ele também não pensou em mim. Não foi nada.»

Só que não era bem assim. Um canto idiota da sua memória embelezava o encontro com um arco-íris e centelhas, até parecer... algo. Algo demasiado mortificante para admitir em voz alta, mesmo perante Penny, Emma e Nicola. Na verdade, Alex evitava admiti-lo a si própria.

A partir desse dia, sempre que visitava a Hatchard's — ou o Templo das Musas, ou até a Biblioteca Minerva —, procurava-o. Imaginava que podiam esbarrar de novo um no outro e que ele confessaria, enquanto tomassem um chá que se prolongaria num jantar, que também ele percorrera as livrarias na esperança de a encontrar. Porque, naturalmente, nesses dois minutos de doloroso monólogo, ele concluía que uma jovem da classe trabalhadora, incoerente, desajeitada e suficientemente pequena para caber num armário de cozinha médio, era tudo o que ele sempre ansiara encontrar.

*A menina é exatamente aquilo que eu procurava.*

*Agora que a encontrei, não a deixarei partir.*

*Alexandra, preciso de si.*

Bom senso, pois!

Alex trabalhava para viver, acertando relógios nas casas de clientes abastados, e não tinha tempo para sonhar. Estabelecia os seus objetivos e esforçava-se para os atingir. Pés no chão, ombros direitos e cabeça erguida.

Nunca — mas nunca — seria arrebatada por fantasias românticas.

Infelizmente, a sua imaginação ignorava aquele memorando. Nos seus devaneios, o chá levaria a passeios no parque, conversas profundas, beijos sob as estrelas e até — a dignidade de Alexandra desfalecia só de pensar nisso — a um casamento.

A sério! Um casamento.

Aceita para seu marido este homem, o Anónimo Libertino da Livraria com um Gosto Horrível para Literatura Infantil?

Absurdo!

Após meses a tentar pôr fim àquela loucura, Alex desistiu. Pelo menos as fantasias — por muito tolas que fossem — eram suas, e mantê-las-ia em segredo. Ninguém precisava de saber. O mais provável seria ela nunca mais se encontrar com o Libertino da Livraria.

Até à manhã em que se encontrou com ele, claro.

## Capítulo 1



**A**manhã começou do mesmo modo que as restantes manhãs de Chase, ultimamente. Com uma partida trágica.

— Ela morreu.

Ele virou-se de lado. Pestanejou, vendo o rosto de Rosamund.

— O que foi desta vez?

— Tifo.

— Encantador.

Sentou-se, usando o braço do sofá para se apoiar, e o seu cérebro agitou-se num lamento. Esfregou as têmporas, com remorsos do seu comportamento na noite anterior. E da sua intemperança na madrugada. Já agora, poderia lamentar também toda a sua juventude desperdiçada. Libertar um pouco os seus afazeres da tarde.

— Pode esperar. — Para quando a sua cabeça deixasse de zumbir, e ele se visse livre do aroma enjoativo do perfume francês.

— A Daisy diz que tem de ser já, ou o contágio pode espalhar-se. Ela está a preparar o corpo.

Chase gemeu. Concluiu que não valia a pena discutir. Seria melhor tratar logo de tudo.

Ao subirem os quatro lanços de escadas até aos aposentos das crianças, interrogou a sua pupila de 10 anos.

— Não podes fazer nada?

— E o senhor?

— Ela é a tua irmãzinha.

— O senhor é o tutor dela.

Chase fez um esgar e esfregou as têmporas, que latejavam.

— A disciplina não é um dos meus talentos particulares.

— A obediência também não é um dos nossos — respondeu Rosamund.

— Já reparei. Não penses que não vi quando meteste na algibeira aquela moeda de xelim que estava em cima da mesa. — Chegaram ao cimo das escadas e seguiram pelo corredor. — Escuta, isso tem de acabar. Os bons colégios internos não aceitam a inscrição de pequenas ladras nem de assassinas em série.

— Não foi um assassinio. Foi tifo.

— Oh, pois, claro que foi.

— E não queremos ir para um colégio interno.

— Rosamund, está na altura de aprenderes uma lição nada fácil — disse ele, abrindo a porta dos aposentos das crianças. — Nem sempre conseguimos o que queremos na vida.

Chase sabia-o bem. Nunca quisera ser o tutor de duas meninas órfãs. Nunca quisera ser o herdeiro do ducado de Belvoir. E, certamente, não desejava assistir ao quarto funeral em quatro dias. Contudo, ali estava.

Daisy voltou-se para eles, com um véu escuro a cobrir-lhe os caracóis cor de palha.

— Por favor, mostrem algum respeito pelos mortos.

Pedi a Chase que avançasse. Este obedeceu e passou para o lado dela, inclinando-se para que a menina pudesse colocar-lhe uma fita negra na manga da camisa.

— Lamento muito a tua perda — disse ele. *Muito mesmo. Nem sabes quanto.*

Tomou o seu lugar à cabeceira da cama e olhou para a defunta, fantasmagoricamente pálida e envolvida numa mortalha branca.



Tinha dois botões sobre os olhos, graças a Deus. Ele ficava muito nervoso quando os olhos o fitavam com uma expressão vazia e vítrea.

Daisy pegou na mão dele e inclinou a cabeça. Depois de os conduzir na recitação do Pai Nosso, deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Sr. Reynaud, por favor, diga umas palavras.

Chase ergueu os olhos para o alto. Que Deus o ajudasse!

— Pai todo-poderoso — começou num tom desanimado —, entregamos à vossa guarda a alma de Millicent. Cinzas às cinzas. Pó ao pó. Era uma boneca de poucas palavras e de ainda menos movimento. Contudo, será recordada pelo sorriso sempre presente no seu rosto... poder-se-ia dizer permanentemente pintado. Pela graça do nosso Redentor, sabemos que ressuscitará, talvez à hora do almoço — disse. — Infelizmente — acrescentou em surdina.

— Amém — entoou Daisy. Com solenidade, pôs a boneca dentro da arca dos brinquedos e fechou a tampa.

Rosamund quebrou o opressivo silêncio.

— Vamos para a cozinha, Daisy. Há pãozinhos com manteiga e doce para o pequeno-almoço.

— Vão tomar o pequeno-almoço aqui — corrigiu Chase. — Nos vossos aposentos. A vossa precetora...

— A nossa precetora?! — Daisy lançou-lhe um olhar doce e inocente. — Mas, neste momento, não temos precetora.

Chase gemeu.

— Não me digam que a nova se despediu. Contratei-a ontem.

— Vimo-nos livres dela em dezassete horas e um quarto — declarou Rosamund, orgulhosa. — Foi um novo recorde.

Inacreditável!

Chase dirigiu-se ao mapa-mundo que se encontrava na parede e pregou nele um alfinete que retirou da borda.

— Aqui! — Espetara-o num país insuspeito, ao acaso, apontando logo a seguir para lá com ar autoritário. — Vou mandar-vos para um colégio interno aqui! Divirtam-se! — Semicerrou os olhos para olhar para o mapa. — Malta.

Furioso, saiu do aposento e desceu os quatro lanços de escadas e outro meio lanço. Atravessou a cozinha e dirigiu-se para o seu refúgio privado. Ao entrar, fechou a porta à chave e soltou um profundo suspiro de aborrecimento.

Para um cavalheiro ocioso, sentia-se terrivelmente exausto. Precisava de um banho, de se barbear, de mudar de roupa e de tomar um pó para a dor de cabeça. Barrow chegaria dentro de uma hora com uma resma de papéis para ele examinar e promissórias para assinar. Ia haver um bacanal no clube nessa noite. E agora tinha de contratar outra precetora.

Antes de enfrentar tudo aquilo, precisava de uma bebida.

Ao encaminhar-se para o bar, passou por uma mesa de jogo tapada com um pano e um monte de quadros encostados à parede, à espera de serem pendurados. O aposento ainda não estava totalmente pronto.

Tinha, obviamente, um quarto bem mobilado no andar de cima, mas, de momento, precisava de um espaço o mais arquitetonicamente longe possível das crianças. O plano era tanto em benefício das meninas quanto em seu. Preferia ignorar as maldades que as suas pupilas levavam a cabo no andar superior da casa, e elas não deveriam ter conhecimento das travessuras que ele praticava no andar de baixo.

Abriu uma garrafa de vinho e encheu um copo. Era um pouco cedo para beber um borgonha, mas que diabo! Afinal, estava de luto. Podia até fazer um brinde em memória de Millicent.

Bebera meio copo de um só gole quando ouviu alguém bater à porta. Não à porta que dava para a cozinha, mas à porta que dava para a rua.

Proferiu um impropério para dentro do copo. Devia ser Colette, presumiu. Tinham-se divertido na noite anterior, mas, pelos vistos, nem a sua famosa reputação nem o ramo de flores de despedida que ele lhe enviara tinham passado a mensagem. Seria obrigado a ter a tal «conversa» cara a cara.

*Não és tu, querida, sou eu. Sou um homem irredimível, desfeito. Mereces melhor.*

Era tudo verdade, por mais banal que soasse. No que dizia respeito a relações, sensuais ou outras, Chase tinha uma única regra: nada de compromissos sentimentais.

Palavras segundo as quais viver. Palavras para fazer amor. Palavras para mandar as pupilas para o colégio interno. Quando fazia promessas, só causava desgostos.

— Entra! — exclamou, sem se incomodar em olhar para a porta. — Está aberta.

Sentiu uma corrente de ar frio no pescoço quando a porta se abriu e logo se fechou. Como o murmúrio de pontas dos dedos.

Pegou noutra copo e encheu-o.

— Queres mais, não é, mulher insaciável? Sei que não foi por acaso que deixaste aqui a tua meia na noite... — Voltou-se com o copo na mão e um meio sorriso malandro — ... anterior.

Interessante... A mulher que entrara não era Colette.

Nem se parecia nada com Colette.

Tinha diante de si uma jovem baixa, de cabelo escuro, com um saco castanho muito usado na mão e um olhar de terror abjecto. Conseguiu ver como o sangue lhe fugia do rosto para se juntar na base da garganta, num afogamento quente e feroz.

— Bom dia — disse ele, amável. Como resposta, ouviu-a engolir em seco. — Aqui tem. — Estendeu-lhe a mão esquerda, com o copo de vinho. — Beba. Parece-me que bem precisa.

\*\*\*

Ele.

Era ele. Alexandra reconhecê-lo-ia em qualquer parte. Aquelas feições tinham-lhe ficado gravadas sua memória. Era indelevelmente belo. Travessos olhos verdes, cabelo escuro, despen-teado, e um sorriso assimétrico tão sedutor que conseguiria roubar a virtude a uma mulher do outro lado de uma sala cheia de gente.

Alexandra deu por si pés com pés — era de estatura demasiado diminuta para poder dizer cara a cara — com o Libertino da Livraria em carne e osso.

E... tanta... carne.

As mangas arregaçadas até ao cotovelo, a camisa aberta, sem gravata... Alexandra baixou os olhos para não o fitar daquela maneira. Deus do céu! Estava descalço.

— Eu... eu... Peço perdão, mas pensava que esta fosse a entrada de serviço. Saio já. — Baixou a cabeça para esconder o rosto, rezando para que ele não a reconhecesse. Se saísse naquele momento, e bem depressa, sobreviveria ao encontro.

— Não está enganada. Até há poucas semanas era a entrada de serviço. Estou a adaptar o espaço para minha conveniência. Uma espécie de retiro de cavalheiro.

Ela lançou um olhar à divisão. A «conveniência» dele era fácil de entender. Um bar bem abastecido. Otomana de veludo. Reposteiros cor de ameixa. Um tapete de pele. Na parede, chifres de veado.

E ali estava, a anteriormente mencionada meia, atirada para uma das hastes do animal, como uma bandeira de rendição.

Parecia ter entrado numa espécie de gruta de prazer.

Sentiu-se invadida pelo embaraço, e gotas de suor perlaram-lhe a testa.

— Não há dúvida de que estou a incomodar. Voltarei noutra ocasião. — Apertou o saco com a mão e tentou afastar-se dele.

Não foi, porém, fácil fazê-lo. Ele era um homem muito alto e ligeiro, musculado e masculino, e, como tal, deslizou para o lado bloqueando-lhe o caminho para a porta.

— Acredite que estou encantado por vê-la.

*Eu estaria encantada se não me tivesse visto.*

Alex escondeu a face com a mão e desviou os olhos para um quadro encostado a uma parede. Mostrava uma mulher completamente despida, com parte do corpo oculto por um leque estrategicamente colocado.

— Deixei cá um cartão na semana passada. Queria falar com a sua governanta para oferecer os meus serviços.

— Sim, com certeza.

— Então talvez me possa levar até ela.

— Sou eu que conduzo as entrevistas. Poupo tempo, na minha opinião.

Ela ergueu os olhos, surpreendida. Era pouco habitual que fossem os cavalheiros da casa a entrevistarem os empregados — ainda para mais uma empregada cuja única função seria acertar os relógios por Greenwich, uma vez por semana.

— Perdoe-me, adiantei-me. — Inclinou a cabeça numa vénia descuidada. — Chase Reynaud.

*Chase Reynaud.*

*Sr. Charles Reynaud.*

*Sra. Alexandra Reynaud.*

*Por amor de Deus, para com isso!*

Chase afastou os copos de vinho e limpou as mãos às calças.

— Podemos discutir o seu emprego de imediato. Ponha-se à vontade.

Alex gostaria, na verdade, de se tornar invisível. Aproximou-se das janelas, de um lado do aposento, desejando desaparecer atrás dos reposteiros, mas também se deslocara para ali porque se sentira atraída pelo brilho do metal.

Seria possível...?

Sim. Afastando uma dobra de veludo vermelho-escuro, descobriu a confirmação das suas esperanças.

Um telescópio.

Desde a infância que Alexandra se sentia fascinada pelo céu noturno. A vida a bordo de uma fragata não lhe oferecera outras grandes distrações após o pôr do Sol. Tantas vezes pedira ao pai o óculo emprestado que ele acabara por ceder e comprara-lhe um. Ali em Londres, remediava-se com um pequeno telescópio articulado que adquirira por 16 xelins na loja de um fabricante de lentes. Um instrumento para usar como passatempo.

Mas aquilo...?

Aquilo era, sem sombra de dúvida, o mais espantoso objeto em que alguma vez tocara.

Sem pensar, inclinou-se para espreitar as lentes. Descobriu que o instrumento estava apontado para a janela do sótão da casa do outro lado da rua. Sem dúvida os aposentos de uma ou duas bonitas criadinhas.

Alex afastou-o daquela sórdida direção e apontou-o para os jardins no centro da praça. Deus do céu! Conseguia distinguir as lâminas individuais de erva verde-amarelada a despontarem do solo.

Ouviu ruído de copos atrás de si. Sobressaltou-se, deu um salto para trás, para se afastar do telescópio, bateu no mecanismo de rotação, que, por sua vez, atingiu uma jarra que ali estava e que teria caído no chão se ela não mergulhasse para a apanhar. Que exibição de habilidade profissional! *Pois, estou aqui para oferecer os meus serviços para tratar de máquinas caras e complicadas.*

— Desculpe. Não percebi o seu nome. Menina...?

Alex sentiu um nó na língua.

— Mountbatten — conseguiu dizer. — Alexandra Mountbatten.

Foi então que ele inclinou a cabeça e olhou para ela — olhou verdadeiramente, com o mesmo olhar profundo e curioso que lhe lançara na livraria.

O coração dela pareceu ficar suspenso.

Claro que Alexandra não esperava uma declaração de amor recíproco. No máximo, um simples «Não nos conhecemos já?», ou talvez até: «Oh, sim, na Hatchard's, não é verdade?»

— Menina Mountbatten. Muito gosto em conhecê-la.

Oh! Ele não se lembrava de que já se haviam encontrado.

*Um golpe de sorte*, disse ela para consigo. Se se recordasse, ela ter-lhe-ia ficado na memória como uma tontinha desajeitada, gaga e louca por livros; nunca um objeto de admiração. Na verdade, aquilo era uma bênção. Agora Alex poderia parar de perder tempo a pensar nele.

Seria completamente irracional sentir-se desapontada, quanto mais magoada.

Porém, o seu poder de raciocinar desaparecia sempre que se tratava daquele homem. Sentia-se ferida, mas só um pouco. Lá no fundo, a prova da sua tolice arranhava-lhe e feria-lhe o orgulho.

Chase retirou da mesa o castiçal, que pingava cera, e dois copos de brandy vazios. Arrancou a meia esquecida da haste do veado e, depois de procurar em vão um lugar apropriado para a guardar, enrolou-a e enfiou-a debaixo de uma almofada.

— Na verdade, devia ir-me embora — disse Alex. — Creio que interrompi algo, e...

— Não interrompeu coisa alguma. Nada de importante, de qualquer forma. — Deu umas pancadinhas nas costas de um cadeirão. — Sente-se.

Alex aceitou, aturdida. Chase deixou-se cair na otomana em frente a si. Pelo modo como se afundou no estofado, ela calculou que o assento sofrera tensões e saltos em muitos encontros tórridos.

Num último e absurdo gesto de decência, ele passou a mão pelo cabelo desgrenhado.

— Preciso que se encarregue de duas.

*Doas coisas? Relógios?*

Sim. Deveriam concentrar-se nos relógios. Aquelas coisas com mostradores, mecanismos e números que fazem tiquetaque. Era assim que ela ganhava a vida, e andava a bater a todas as portas de serviço de Mayfair para arranjar mais clientes. Não estava ali para lhe olhar para os pelos do peito, nem para se interrogar acerca do fumo que ele usava no braço, ou para se flagelar com fantasias tolas, imaginando que ele a arrebataria nos braços, confessando que sofria de amor por ela há meses e que abandonaria as suas atividades pecaminosas agora que era ela a sua razão de viver.

Fechou a tampa da sua imaginação, afivelou a correia, pôs-lhe um cadeado e, logo a seguir, lançou tudo de um penhasco.

Tratava-se apenas de uma visita de negócios.

— Não posso contar-lhe grande coisa — continuou ele. — Passaram por vários parentes antes de me serem entregues, no outono passado.

*Heranças de família, portanto.*

— Devem ser preciosidades.

— Ah, pois — respondeu ele, secamente. — Preciosidades, sem dúvida. Para ser franco, não faço a mínima ideia do que hei de fazer com elas. Vieram com o título.

— Com o título? — repetiu Alex.

— Belvoir. — Como ela não reagiu, ele acrescentou: — Duque de Belvoir.

Alex soltou uma gargalhada ruidosa.

*Duque?* Oh, Penny haveria de se deliciar por ter adivinhado.

— Acredite — disse ele. — Também achei absurdo. De facto, por enquanto, sou apenas o herdeiro de um duque. Como o meu



tio está enfermo, entregaram-me as responsabilidades legais. Todos os deveres do ducado, mas nenhuma das suas regalias. — Acenou em direção a ela. — Muito bem. Mostre-me uma das suas lições.

— P... peço... desculpa?

— Podia perguntar-lhe pelas suas habilitações e experiência, mas creio que seria uma perda de tempo. Será melhor que faça uma demonstração.

*Uma demonstração?*

Queria ele saber como funcionavam os relógios? Talvez se referisse a um cronómetro. Ela poder-lhe-ia explicar por que razão estes estavam sempre certos, enquanto os relógios podiam perder alguns minutos por dia.

— Que tipo de lição teria em mente?

Ele encolheu os ombros.

— Qualquer coisa que pense que eu preciso de aprender.

Alex não aguentou mais. Cobriu o rosto com as mãos e gemeu.

Ele inclinou-se imediatamente para ela.

— Está doente? Espero que não seja tifo.

— Que desilusão! Estava à espera de algo diferente, mas já devia ter percebido.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O que esperava exatamente?

— Não vai querer saber. — *E eu não lhe quero dizer.*

— Claro que quero.

— Não quer, não. A sério, não quer.

— Ora vamos lá. Esses protestos só fazem com que um homem fique mais intrigado. Diga de uma vez.

— Um cavalheiro — desabafou. — Esperava que o senhor fosse um cavalheiro.

— E não se enganou. Eu sou um cavalheiro. Mais tarde ou mais cedo, serei par do reino.

— Não era nesse sentido. Pensei que o senhor seria um cavalheiro respeitável, educado, honrado.

— Ah — disse ele. — Partiu de um princípio errado.

— Obviamente. Olhe para si. — Olhou-o de alto a baixo, focando-se nos ombros dele, tão largos. Depois na camisa de linho amarrotada. A seguir na intrigante parte do peito exposta pelo colarinho aberto. A pele parecia suave e firme, os contornos musculados, bem definidos e...

E ela estava a observá-lo descaradamente.

— Olhe para este aposento. Copos de vinho espalhados pela mesa. Perfume no ar. Que cavalheiro levaria a cabo uma entrevista de emprego nesta gruta... — Acenou em volta, sem saber que palavra empregar. — Nesta gruta de lascívia?

— Gruta de lascívia? — repetiu ele, divertido. — Gosto. Não me posso esquecer de gravar isso numa placa.

— Compreende, então, o meu equívoco. — As palavras continuavam a sair-lhe da boca, imprudentes e indelicadas, e ela não conseguia retirá-las, nem sequer impedi-las. — Quando abri a porta, fui suficientemente tola para julgar que encontraria um homem que nunca permitiria que uma dama andasse pelas ruas de Londres apenas com uma meia calçada, considerando esse facto como «nada de importante». As meias têm importância, Sr. Reynaud, bem como as mulheres que as usam. E tudo isto enquanto o senhor está de luto. — Acenou com ar contristado para o fumo no braço dele.

— Ora, isso eu posso explicar.

— Por favor, não o faça. A lição já é suficientemente cruel — disse ela, abanando a cabeça. — E depois há o telescópio...

— Um momento — interrompeu-a ele, inclinando-se para diante. — O que tem o telescópio que ver com o resto?

— Aquilo — respondeu ela, apontando para o instrumento com o braço estendido — é um *Dollond* genuíno. De 46 polegadas,

acromático, com uma objetiva com uma abertura de 3 polegadas e 3 quartos. Barra de madeira envernizada, tubo de metal. Capaz de aumentar 60 vezes objetos em terra e 180 vezes os corpos celestes. Há pessoas que só em sonhos poderiam obter um instrumento como este, e o senhor tem-no aqui a apanhar pó. É... bem, é desolador.

Era desolador, de facto.

Na verdade, a culpa era toda de Alex. Os sinais estavam lá: o seu horrível gosto literário, o seu sorriso encantador, que fazia promessas que homem algum desejaria cumprir. E aqueles olhos... que detinham uma espécie de feitiço potente e toldavam a mente, sem que ele tivesse a decência de os esconder sob um chapéu de aba larga quando andava por aí a dar encontrões a jovens em livrarias.

O seu único consolo era saber que ele esqueceria aquela conversa no momento em que ela saísse, tal como a esquecera a ela.

— Muito obrigada, Sr. Reynaud. Deu-me hoje uma lição de que eu muito necessitava. — Soltou um enorme suspiro e lançou um olhar para a parede. — Chifres de veado. Francamente!

Após um prolongado silêncio, Chase assobiou baixinho por entre dentes.

Alex pôs-se de pé e estendeu a mão para o seu saco.

— Não precisa de me acompanhar à porta. Saio já.

— Não sai, não. — Chase levantou-se. — Menina Mountbatten, foi incrível!

— O quê?

— Simplesmente brilhante! Gostaria muito de contratar os seus serviços.

Talvez ela tivesse entendido tudo mal. Talvez ele não fosse, afinal, o Libertino da Livraria, mas o Louco da Livraria.

Foi então que ele fez algo ainda mais incompreensível. Olhou-a nos olhos, sorriu o suficiente para mostrar uma perigosa covinha

e pronunciou as palavras que ela, estupidamente, sonhara ouvi-lo dizer:

— A menina é exatamente o que eu procurava. E não a deixo escapar.

*Oh!*

*Oh, meu Deus!*

— Venha, então. As minhas pupilas ficarão encantadas em conhecer a sua nova precetora.

## Capítulo 2



**P**recetora?

Alexandra emudeceu.

— Vou levá-la lá acima. — Num espetáculo de presunção masculina, o Sr. Reynaud arrancou-lhe o saco da mão. Quando a aliviou desse peso, a sua mão tocou na dela. O leve calor desequilibrou-lhe o cérebro. Ele voltou-se e dirigiu-se a um extremo do aposento. — Por aqui.

Alex recuperou o movimento dos braços e seguiu-o. Como não o fazer? Ele levava-lhe o saco — e, com ele, o cronómetro, mais a agenda de clientes e compromissos. Toda a sua vida estava, literalmente, nas mãos dele.

— Sr. Reynaud, eu...

— Chamam-se Rosamund e Daisy. Têm 10 e 7 anos, respetivamente. São irmãs.

— Sr. Reynaud, por favor. Podemos...

Chase conduziu-a pela cozinha e depois pelas escadas. No primeiro andar, Alex seguiu-o por um corredor com paredes cobertas de seda às riscas, cor de esmeralda. Quase diria que a passadeira parecia feita de nuvens, tão macia era a pelúcia que sentia sob as botas.

O seu trabalho já a levava a muitas casas ricas de Londres, mas nunca deixava de se encantar com o luxo.

Chase levou-a pela escada principal, subindo os degraus dois a dois.

— O apelido delas é Fairfax, mas, provavelmente, será um nome adotado. São filhas naturais. Algum parente afastado pôs no mundo estas crianças e deixou-as à guarda de quem herdasse o património.

Enquanto subiam os vários lanços de escadas, Alexandra mal conseguia acompanhá-lo, quanto mais mudar o tema da conversa.

— Vou mandá-las para um colégio no primeiro trimestre — acrescentou ele, num tom cansado. — Se conseguir subornar uma escola respeitável para que as aceite.

Por fim, quando chegaram ao último andar da casa, Alex conseguiu adiantar-se para lhe puxar a manga.

— Por favor, Sr. Reynaud, há aqui um mal-entendido. Um grave mal-entendido.

— Nada disso. Entendemo-nos perfeitamente. Sou um péssimo cavalheiro, como a menina afirmou. Também não sou louco. Aquele sermão que me fez lá em baixo foi brilhante. As meninas precisam de uma mão firme. De disciplina. Sou a última pessoa neste mundo capaz de lhes ensinar um comportamento adequado. Mas a menina? A menina é perfeita para essa função. — Apontou para os aposentos que se abriam para o corredor. — Terá um quarto para si, claro. O das crianças é por aqui.

— Espere...

— Cá estamos — abriu a porta de par em par.

A mente de Alexandra recusou-se a perceber a cena. Duas meninas de cabelo louro, muito claro, encontravam-se cada uma do seu lado da cama. Uma cama maravilhosa, com quatro colunas douradas, um dossel de renda cor de alfazema e cortinas a condizer, atadas com um cordão cor-de-rosa. A cama seria o sonho de qualquer menina. Porém, aquilo mais parecia um pesadelo. Os lençóis brancos estavam manchados e salpicados de vermelho.

— Chegou demasiado tarde — disse a mais nova, voltando-se para eles, com uma expressão solene e misteriosa. — Está morta.

— Maldição! — disse Chase, com um suspiro. — Outra vez não.

Mal podia acreditar. Duas vezes numa só manhã. Insuportável!

Pousou o saco de Alex, dirigiu-se à cama e passou um dedo pelos lençóis sujos. Pelo aspeto, tratava-se de geleia de groselha.

— Foi disenteria — declarou Rosamund.

*Claro que sim.* Chase ergueu o queixo.

— A partir de agora, não há mais geleia. Nenhuma, ouviram?! Nada de compotas, geleias ou conservas de espécie alguma.

— Não há mais geleia? — perguntou Daisy, num tom desgostoso. — Porque não?

— Porque não vou fazer o elogio fúnebre de mais uma vítima de lepra coberta de feridas a pingar doce! Só por isso. Ah, e também não há mais puré de ervilhas. O ataque de dispepsia da Millicent na semana passada estragou o tapete do salão.

— Mas...

— Não há discussões! — bradou ele, erguendo um dedo para as suas mórbidas pupilas. — Caso contrário, fecho-vos neste quarto e só comem côdeas secas.

— Que gótico! — replicou Rosamund.

— Lamento, mas tenho de me ir embora. — A interrupção, numa voz fraca, veio de Alex, que se mantivera à entrada. E, logo de seguida, arrebatou o seu saco e desapareceu pela porta.

*Maldição!* Chase aproximou-se do mapa e pregou um alfinete no primeiro espaço vazio que encontrou.

— Comecem a fazer as malas!

— Não há colégios internos na Lapónia — disse Rosamund.

— Oferecerei dinheiro para que construam um — retorquiu ele, a caminho da porta. — Espero que gostem de arenques.

Depois correu atrás da nova precetora — e, por favor, Senhor, que não fosse tão rápida a despedir-se.

— Espere! — Desceu os degraus três a três e saltou pelo corrimão para a apanhar no patamar seguinte. — Espere, por favor, menina Mountbatten. — Com um gesto vigoroso, agarrou-a por um braço.

Pararam na escada. Ele era alto, ela era baixa e dava-lhe pelo meio do esterno. A conversa era comicamente impossível. Ele largou-lhe o braço e desceu dois degraus para a poder olhar nos olhos.

O olhar dela quase o deitou pelas escadas abaixo. Para uma mulher de tão pequena estatura, o impacto era prodigioso. Um narizinho delicado, pele morena e uma cabeleira negra apanhada num carrapito brilhante. Olhos negros, insondáveis, que lhe provocavam algo estranho nas profundezas do seu peito. Precisou de um momento para se recompor.

— A Millicent é a boneca da Daisy. Ela mata-a pelo menos uma vez por dia, mas... — Bolas! Deixara marcas vermelhas na manga dela, e só Deus saberia o que ela pensava ser aquela substância. — Não, não é o que pensa. É apenas geleia de groselha. — Ergueu o indicador manchado. — Olhe, pode provar.

Alex pestanejou.

— Está a convidar-me para lhe lambe o dedo?

Chase limpou o dedo num folho da camisa. Meu Deus, só estava a piorar tudo! Não ajudaria nada se ela ficasse preocupada com a sua virtude. Qualquer jovem sensata hesitaria em aceitar emprego em casa de um escandaloso libertino, mesmo que as pupilas do libertino fossem dois anjinhos — e as pupilas de Chase eram monstros incorrigíveis e mórbidos.

De facto, o trabalho oferecia poucas vantagens, exceto uma.

— Pago-lhe muito bem — declarou ele. — Uma soma astronómica.



— Há aqui um mal-entendido. Vim cá oferecer o meu serviço como cronometrista, para acertar os seus relógios. Não sou precetora. Não tenho habilitações nem experiência. E as preceptoras são senhoras de esmerada educação, certo? Também não tenho esse requisito.

— Não me importa se a sua educação é esmerada, descuidada ou seja o que for. A menina é educada, entende o decoro e... respira.

— Tenho a certeza de que o senhor encontrará outra pessoa para preencher a vaga.

— A vaga foi preenchida. E depois abriu novamente. E foi preenchida e abriu várias vezes. Por vezes, várias vezes num só dia. — *Não estás a tornar a tua oferta apelativa, Reynaud.* — Mas a menina não é como as outras candidatas — apressou-se a dizer. — A menina é diferente.

Ela era, de facto, diferente.

Ali estava uma mulher que o pusera no seu lugar. Que o considerava um ocioso cruel e pouco inteligente. Uma fraca desculpa para a sua nobreza e um desperdício para uma boa posição. Muito sensatamente, a menina Mountbatten não queria nada com ele.

Porém, Chase estava simplesmente desesperado, e não queria deixá-la partir.

O desejo que se erguia nele não era físico. Bom, não era simplesmente físico. A jovem era bonita, e ele apreciava uma mulher direta, que sabia o que queria. Contudo, misturado com a atração, havia algo mais. A vontade de a impressionar, de ser digno da sua aprovação.

Ela fazia com que ele desejasse ser melhor. E não seria isso uma qualidade ideal para uma precetora? Tinha de manter aquela mulher ao seu serviço.

— Será apenas durante o verão — disse-lhe. — Um ano de salário por poucos meses de trabalho.

— Lamento. — Ela afastou-se dele e continuou a descer as escadas.

— Dois anos de salário. Três!

— Sr. Reynaud...

Chase apanhou-a à porta.

— Passa-se o seguinte: aquelas meninas precisam de si.

Esperou que ela olhasse para ele, e serviu-se do seu arsenal de persuasão. Engoliu em seco, indicando uma luta masculina contra a emoção.

Um olhar intenso, perscrutador.

O sussurro rouco de uma confissão.

— Menina Mountbatten... — E porque não avançar com tudo?

— Alexandra, eu preciso de si.

Pronto. Aquilo costumava resultar com todas as mulheres.

Mas não resultou com ela.

— Não, não precisa — retorquiu Alex. Uma centelha de ironia percorreu-lhe o rosto. — Não se preocupe. Esquecer-me-á em breve.

Depois fez aquilo que Chase desejara fazer tantas vezes. Abriu a porta de par em par e saiu rapidamente, sem sequer olhar para trás.

## ELE TEM SIDO UM GRANDE LIBERTINO...

Depois de perder o seu sustento, Alexandra Mountbatten assume um cargo impossível: transformar duas órfãs rebeldes em damas autênticas. No entanto, não é de disciplina que as crianças precisam.

Elas precisam de um lar com amor. Mas como irá Alexandra convencer disso o guardião delas, Chase Reynaud? Chase é herdeiro do duque e um verdadeiro demônio no que toca a assuntos amorosos.

Várias senhoras de Londres tentaram fazê-lo assentar, mas falharam redondamente.

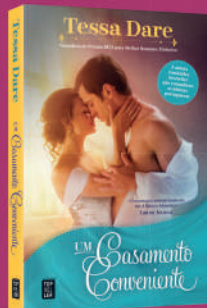
## AGORA UMA PRECETORA VAI DAR-LHE UMA LIÇÃO.

Como qualquer libertino que se preze, Chase vive de acordo com uma regra: não se apaixonar. Quando uma precetora obstinada tenta corrigir o seu comportamento, Chase decide provar-lhe que não pode ser domado. Contudo, Alexandra é inteligente, perspicaz e apaixonante, excedendo as expetativas de Chase. E recusa-se a vê-lo como uma causa perdida, sentindo que deve alcançar o coração dele. Mas conseguirá ela proteger o seu?

«Se os modernos romances de época são inevitavelmente herdeiros do trabalho de Jane Austen, Tessa Dare é sem dúvida a sua mais evidente sucessora.»

*Entertainment Weekly*

**DA MESMA AUTORA, PARA LER E SONHAR:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-64-5



9 789898 917645

Ficção Romântica